



NINGUÉM FICA À DERIVA

A INTENÇÃO DE TORNAR O BRASIL
AUTO-SUFICIENTE EM PETRÓLEO
AUMENTA A CHANCE DE COLOCAÇÃO
DESTE PROFISSIONAL



Plataforma da
Petrobras na bacia
de Campos: vagas
para os melhores



Os maiores empregadores do engenheiro naval são as companhias petrolíferas. O acidente com a plataforma P36 da Petrobras, ocorrido no Rio de Janeiro, em 2001 — que obrigou a empresa a reforçar os sistemas de segurança —, e o crescimento da exploração de petróleo são os principais responsáveis pelo aquecimento do setor.

Empregar-se na Petrobras, porém, exige muito preparo, já que a seleção é feita por meio de concurso público. “Enfrentei uma prova bem rigorosa e elaborada pelos próprios funcionários da empresa. Tudo que aprendi durante o curso estava lá”, afirma Fernando Torres, 26 anos, que há nove meses trabalha no centro de pesquisas da Petrobras, no Rio de Janeiro. As vagas são, na maioria, para a região litorânea do Rio de Janeiro.

Outra área em ascensão é a da construção naval. Pouco a pouco, o país está voltando a investir na construção de embarcações.

Tanto crescimento no setor acabou refletindo na remuneração dos profissionais. O salário de um engenheiro naval está entre os mais altos das engenharias. Um profissional em início de carreira recebe, em média, 3 mil reais.

Mapa do emprego



● **Sudeste:** São Paulo e Rio de Janeiro

“Enfrentei uma prova bastante rigorosa para entrar na Petrobras, elaborada pelos próprios funcionários da empresa. Tudo o que aprendi durante o curso estava lá”



FERNANDO TORRES
Trabalha no centro de pesquisas da Petrobras

ESTUDAR MUITO PARA INGRESSAR

Projetar a estrutura, os motores e demais componentes de navios, barcos e lanchas, planejar e construir plataformas marítimas e tubulações para transporte de petróleo, além de atuar no comércio fluvial e marítimo. Essas são algumas habilidades do engenheiro naval. Porém, quem se interessa por esses assuntos precisa, antes de mais nada, ingressar em duas das maiores e mais concorridas escolas do país. Atualmente, apenas a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) ministram os cursos. Resultado: poucos profissionais formados por ano e um mercado de trabalho que, apesar de não oferecer muitas vagas, absorve bem os recém-formados.

COMPUTAÇÃO E FILOSOFIA

A grade curricular do curso não difere muito da das demais engenharias. Nos dois primeiros anos, os alunos têm matérias mais básicas, como álgebra, química, física, probabilidade e estatística, cálculo diferencial e programação de computadores. As disciplinas mais específicas e os laboratórios com atividades práticas ficam para o terceiro, quarto e quinto ano. Nesses, o estudante também terá de cumprir uma carga horária de matérias optativas — são oferecidas algumas da área de humanas, como filosofia, história e comunicação.

De acordo com Jessé Rebello de Souza Júnior, professor e coordenador do curso da USP, essa formação é fundamental para quem vai entrar no

mercado de trabalho. “Hoje, o engenheiro não é apenas um especialista em números, mas também um líder, que comanda equipes e sabe solucionar problemas”, diz Souza Júnior.

Antes de tirar o diploma, porém, o aluno terá de fazer um estágio e ainda apresentar um trabalho de conclusão de curso. Na maioria das vezes, são projetos de construção de um barco ou navio.

Curso

TANQUE DE PROVAS E OFICINA DE MODELOS

Tanto a USP como a UFRJ possuem dois laboratórios que costumam ser a menina dos olhos dos estudantes de engenharia naval. O primeiro é o tanque de provas. Trata-se de uma grande piscina com gerador de onda e de vento, como se fosse um oceano. “Os alunos podem ensaiar — em escala reduzida — o comportamento de estruturas oceânicas e navios no mar, simulando as condições de vento e a corrente marítima”, explica o professor Souza Júnior. O segundo é a oficina de modelos. Ela é usada pelos futuros engenheiros na criação de navios e barcos em miniatura. Equipados com rádiocontrole, simulam o funcionamento real de uma embarcação.